

coleção
Sem Mistérios

08



UFOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Editora Escala

Rua Major Basílio, 441 - sala 22 CEP 03181-010
Fone: (11) 6605-4651 - rcespiritismo@terra.com.br

PROGRAMA

Música & Mensagem

Apresentação

Victor Rebelo

Músicas espíritas
e espiritualistas,
entrevistas, auto-ajuda
e estudo das religiões

Aos sábados,
Às 16 horas
Rádio Mundial
95,7 FM (SP)

Revista Cristã de

ESPIRITISMO

Nas bancas de todo Brasil

UFOLOGIA

e espiritualidade

Índice

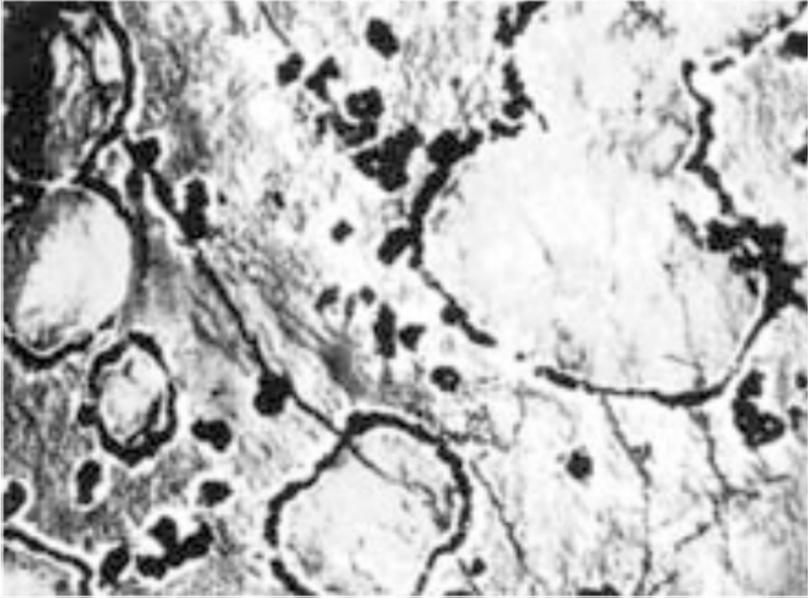
1 - Fotos de naves avistadas	08
2 - Pluralidade dos mundos	11
3 - Estamos sozinhos?	19
4 - A vida em Júpiter	38
5 - Eram os deuses astronautas?	55
6 - UFOS na Segunda Guerra	59
7 - Eles estão por aí	73
8 - Contatos	79
9 - Abdução	97
10 - Um caso de abdução	107
11 -Ufologia e globalização	124

Naves avistadas



Veja mais no site www.revistaufo.com.br





Ao lado, podemos observar amostras de moléculas biológicas de aminoácidos recolhidas de um meteorito que caiu na Austrália em 1969. Existe a hipótese de que, depois das grandes chuvas que ocorreram devido ao resfriamento dos vapores e diversos gases vulcânicos que existiam no berço da formação do planeta, uma grande avalanche de meteoros tenha caído no oceano original, trazendo consigo os elementos básicos da vida orgânica

Pluralidade dos mundos habitados

Texto extraído da *Revista Espírita*,
de Allan Kardec, ano I, volume 3 - março/1858

Quem ainda não se perguntou, ao considerar a Lua e os outros astros, se esses globos são habitados? Antes que a ciência nos houvesse iniciado à natureza desses astros, era possível a dúvida. No estado atual de nossos conhecimentos, ao menos existe a probabilidade, mas a esta idéia realmente sedutora fazem-se objeções tiradas da própria ciência.

Diz-se que a Lua, ao que parece, não tem atmosfera e, possivelmente, não possui água. Em Mercúrio, à vista de sua proximidade com o Sol, a temperatura média deve ser a do chumbo em fusão, de maneira que se ali houver chumbo, este deve correr como a água de nossos rios. Em Saturno dá-se o oposto, não temos um termo de comparação

para o frio que deve ali existir. A luz do Sol deve ser muito fraca, apesar da reflexão de suas sete luas e de seu anel, pois, com aquela distância, ele deve aparecer como uma estrela de primeira grandeza. Em tais condições, pergunta-se se é possível a vida.

Não se compreende que semelhante objeção possa ser feita por homens sérios. Se a atmosfera da Lua não foi percebida, será racional inferir que não exista? Não poderá ser constituída de elementos desconhecidos ou bastante rarefeitos para não produzirem refração sensível? O mesmo diremos da água e dos líquidos aí existentes. Em relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino julgar impossível uma organização diferente da que conhecemos, quando, às nossas vistas, a providência da natureza se estende com uma solicitude tão admirável até o menor inseto e dá a todos os seres órgãos apropriados ao meio em que devem habitar, quer seja a água, o ar ou a terra, quer mergulhados na escuridão, quer expostos à luz do Sol? Se jamais houvés-

semos visto um peixe, não poderíamos conceber seres vivendo na água, não faríamos uma idéia de sua estrutura. Até bem pouco tempo, quem teria acreditado que um animal pudessem viver indefinidamente no seio de uma pedra? Mas sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o fogo da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? Entretanto, nos gelos, há seres organizados para esse clima rigoroso que não poderiam suportar a ardência de um sol vertical. Por que, então, não admitir que certos seres possam ser constituídos de maneira a viver em outros globos e em um meio completamente diverso do nosso?

Adaptação a outros mundos

Por certo, sem conhecer a fundo a constituição física da Lua, nós sabemos o bastante para assegurar que ali não poderíamos viver, como não o podemos em companhia dos peixes no seio do oceano. Pela mesma razão, os habitantes da Lua, se um dia pudessem vir à Terra, uma vez que constituídos para

viver sem ar ou em um muito rarefeito, talvez completamente diverso do nosso, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera como nós quando caímos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e visual da presença de seres que vivem em outros mundos, nada prova que não possam existir organismos apropriados a um meio ou clima qualquer. Ao contrário, diz-nos o simples bom senso que assim deve ser, pois repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço sejam simples massas inertes e improdutivas. A observação aí nos mostra superfícies acidentadas, como aqui, por montanhas, vales, abismos, vulcões extintos e em atividade. Por que, então, não haveria aí seres orgânicos? Seja, dirão. Talvez haja plantas e até animais, mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes e as ciências, será possível?

Com certeza, nada prova matematicamente que os seres que habitam os outros

mundos sejam homens como nós ou que sejam mais ou menos adiantados do ponto de vista moral. Mas quando os selvagens da América viram desembarcar os espanhóis, não tiveram mais dúvidas de que, além dos mares, existia um mundo cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A Terra é pontilhada por uma inumerável quantidade de ilhas grandes e pequenas e tudo que é habitável é habitado, não surge no mar um rochedo sem que, imediatamente, o homem não plante aí sua bandeira. Que diríamos nós se os habitantes de uma das menores dessas ilhas, conhecendo perfeitamente a existência de outras ilhas e continentes, mas nunca tido relações com os que as habitam, se considerassem os únicos seres vivos do globo? Diríamos: “como vocês podem crer que Deus tenha feito o mundo somente para vocês? Por qual estranha bizzarria a pequena ilha de vocês, perdida na solidão do oceano, teria o privilégio de ser a única habitada”?

O mesmo podemos dizer em relação às

outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do universo que não se distingue dos outros planetas nem por sua posição, nem por seu volume, nem por sua estrutura, pois nem é a maior ou menor, nem está no centro ou nos extremos, seria a única residência de seres racionais? Qual o homem sensato que poderia pensar que esses milhões de astros que brilham sobre nossas cabeças foram feitos para recrear nossos olhos? Qual seria, então, a utilidade desses milhões de globos invisíveis a olho nu e que não servem nem mesmo para nos iluminar? Não seria orgulho e impiedade pensar que assim fosse? Para aqueles a quem pouco importa a impiedade diremos que é ilógico.

Por um simples raciocínio que muitos outros fizeram antes de nós, chegamos a concluir pela pluralidade dos mundos, raciocínio este confirmado pela revelação dos espíritos. Realmente eles nos ensinam que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada

globo, que entre os habitantes desses mundos, uns são mais e outros menos adiantados que nós do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. E mais: hoje sabemos que é possível entrar em relação com eles e obter esclarecimentos sobre seu estado. Sabemos ainda que não só todos os globos são habitados por seres corpóreos, mas que o espaço é povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre nossa alma, que revelam sua existência por meios ocultos ou patentes.

Assim, tudo é povoado no universo. A vida e a inteligência estão por toda a parte, em globos sólidos, no ar, nas entranhas da terra e até nas profundezas etéreas. Haverá em tal doutrina algo que repugne a razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva por nossa mesma pequenez, bem ao contrário desse pensamento egoístico e mesquinho que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus.



Caso Roswell

Estamos sozinhos?

Maria Aparecida Romano

A curiosidade natural com os astros compeliu as antigas civilizações a estudarem o céu. Ainda na Antiguidade, quando os homens acreditavam em uma Terra plana ou jazendo nas costas de uma tartaruga, eles já haviam efetuado uma série de observações corretas visando compreender os acontecimentos celestes, as quais só ganhariam novo impulso no século III a.C. com os astrônomos gregos Pitágoras e Aristarco, entre outros.

A astronomia moderna surgiu no período do Renascimento, quando o polonês Nicolau Copérnico propôs um sistema de mundo heliocêntrico e o italiano Galileu Galilei fez as primeiras observações do céu utilizando uma luneta. O rápido avanço que

foi se verificando representou a abertura de possibilidades ilimitadas no campo da ciência e da tecnologia, ampliando o conhecimento sobre os corpos celestes e abalando de certa forma a teoria que supunha a Terra como centro do universo.

Quando Isaac Newton aplicou a mecânica dos fenômenos celestes, revelando haver uma “força misteriosa” que ele chamava de “gravitação universal”, pôde-se calcular com precisão os movimentos da Lua, dos planetas e dos cometas. A mecânica dos astros tornar-se-ia precisa entre os estudiosos, o que possibilitou, em 1846, a descoberta do planeta Netuno na posição prevista pelos cálculos.

Na segunda metade do século XIX, o uso da fotografia e da espectroscopia para o estudo dos corpos celestes permitiu o desenvolvimento da astrofísica. Em 1916, Albert Einstein renovou a cosmologia ao aplicar a Teoria da Relatividade Geral. Enquanto os cientistas inauguravam uma nova visão do uni-

verso, algumas doutrinas espiritualistas já defendiam a existência de vida em outros planetas, assunto que, em âmbito geral, ainda se constituía apenas e tão somente em uma reflexão filosófica.

O caso Roswell

No entanto, a vida extraterrestre deixaria de ser apenas teoria na manhã de 05 de junho de 1947, quando uma equipe de arqueólogos do Texas Tech University, liderados por Curry Holden, chegou à cidade de Roswell, uma pequena localidade perdida no deserto do Novo México, nos Estados Unidos. Eles foram relatar no escritório do xerife George Wilcox que haviam testemunhado a queda de um avião sem asas e com fuselagem arredondada às 23h do dia anterior. Segundo as testemunhas, havia corpos de alienígenas com um pouco mais de um metro de altura junto aos escombros. Enquanto os arqueólogos ainda prestavam depoimento, um casal de campistas fez um relato semelhante. Em pouco tem-

po, a pacata Roswell foi ocupada por militares do 509º Bomb Group (Grupo de Bombardeiros), base aérea localizada a 70 km do local, que conduziram uma investigação cercada de muitos mistérios.

No local da queda, milhares de fragmentos estavam espalhados e alguns foram levados à base aérea que, na época, era a única do mundo cujos aviões eram armados com bombas atômicas. O material recolhido era um metal extremamente resistente, que não derretia, não podia ser cortado e voltava ao formato original quando amassado. Além disso, ninguém conseguiu decifrar o que pareciam ser hieróglifos gravados nas placas.

O comandante da base anunciou à imprensa que, pela primeira vez, haviam recolhido destroços de um disco voador, cujos avistamentos tinham se iniciado semanas antes e agitavam o país. A queda foi notícia no mundo todo, mas, imediatamente, uma versão oficial do Pentágono informou que o objeto acidentado era um balão meteoroló-

gico, sem registro de vítimas. O caso ficaria esquecido por cerca de 30 anos, até que, em 1978, graças às persistentes investigações de um grupo de ufólogos, apurou-se que ETs teriam realmente sido vítimas de um acidente em Roswell, quando sua nave espacial se espatifou no solo. Na ocasião, vários corpos teriam sido recuperados, além de um que teria permanecido vivo por alguns anos. A Força Aérea Norte-Americana admitiu que as conclusões anteriores não eram verdadeiras e que o objeto voador envolvido no acidente não era um balão meteorológico. O estranho material, descrito por eles anteriormente como sendo um misto de madeira balsa e alumínio laminado, era na realidade um novo tipo de liga, capaz de burlar a vigilância de radares.

As implicações desse acontecimento foram enormes. Coincidência ou não, os episódios mais marcantes da exploração espacial tiveram início na década de 50, com a fundação da Federação Internacional de As-

tronomia. Em 1957, a antiga União Soviética enviou ao espaço o primeiro satélite artificial, o Sputnik 1, seguindo-se sucessivos e bem sucedidos lançamentos de foguetes espaciais. Em 21 de junho de 1969, ocorreu o primeiro desembarque humano na Lua, com a missão Apolo 11. No satélite natural da Terra, os astronautas norte-americanos Edwin Eugene Aldrin e Neil Armstrong fizeram um passeio e coletaram material (27 kg de pedras e poeira). Embora a esterilidade do solo lunar não oferecesse condições para afirmar ou negar sua habitabilidade humana, os pioneiros deixaram uma mensagem histórica: “Aqui, os homens do planeta Terra pisaram pela primeira vez na Lua. Viemos em missão de paz, em nome da humanidade”. Para quem ficariam dirigidas essas palavras?

Visões e contatos extraterrestres

Paralelamente às grandes explorações científicas, as últimas cinco décadas do século XX foram marcadas por mais de seis milhões

de depoimentos de pessoas de todos os segmentos sociais admitindo publicamente que avistaram OVNI (Objetos Voadores Não-Identificados) e tiveram contato com seus tripulantes. Alguns depoimentos claramente visavam publicidade, porém, outros mais qualificados foram oficialmente registrados pelas forças armadas de todo o mundo.

O astronauta russo Alexander Balandine disse que se defrontou por duas vezes com OVNI durante missões especiais, experiência igual à vivenciada por astronautas norte-americanos. Na década de 90, uma esquadilha de OVNI foi vista no céu de Paris, ocasião em que o primeiro-ministro francês fez um alerta para todas as nações do planeta. Na mesma época, a Direção Geral da Aeronáutica do Chile declarou que três OVNI foram detectados pelo Aeroporto Internacional de Arica viajando a 13 mil km/h.

Aqui no Brasil, em 1982, o comandante Gerson Maciel de Brito, pilotando um Boeing 727 da Vasp rumo ao sul do país, presenciou

junto com seus passageiros um OVNI de cor azulada fazendo evoluções. Em 19 de maio de 1986, o aeroporto de São José dos Campos (SP) foi sobrevoado por 21 OVNI's, registrados nas telas dos radares do Centro Integrado da Defesa e Controle do Tráfego Aéreo. Seis aviões supersônicos da Força Aérea Brasileira (FAB) tentaram interceptá-los, mas fracassaram ante a velocidade incompatível. Na noite de 08 de agosto de 1997, três grandes objetos luminosos, acompanhados por dezenas de outros menores, foram vistos em 35 cidades à sudoeste de Salvador, na Bahia.

Além dos relatos registrados oficialmente, a quantidade de fotos e filmagens em vídeo em plena luz do dia é tão grande e diversificada que se torna impossível uma falsificação, pois seria cara e nada convincente. Para os incrédulos, existem ainda outros tipos de provas, como fragmentos de um OVNI que explodiu em 1957 na cidade de Ubatuba (SP). Um deles foi exibido no Mu-

seu da Aeronáutica, na capital paulista, e hoje está em poder da FAB.

Mas a ocorrência mais evidente e, até certo ponto, chocante aconteceu em 20 de janeiro de 1996 na cidade de Varginha, sul de Minas Gerais, que contou com mais de 100 testemunhas oculares. Militares capturaram seis estranhas criaturas com pouco mais de um metro de altura, franzinas, com três protuberâncias na cabeça, pele marrom muito oleosa e exalando forte odor de amoníaco, grandes olhos vermelhos e olhar impactado. Na noite anterior, na zona rural da cidade, um nave foi vista voando em baixa velocidade, aparentando problemas. Os ufólogos que investigaram o caso conseguiram depoimentos secretos junto aos militares e divulgaram para a imprensa como as criaturas teriam sido capturadas e levadas para hospitais de Varginha. Em seguida, elas foram encaminhadas para o Instituto de Estudos da Força Aérea Brasileira, que se tornou responsável pelo caso. Posteriormente,

as criaturas teriam sido enviadas aos Estados Unidos, para que fossem pesquisadas pelo mesmo grupo do caso Roswell.

A polêmica dos OVNI's

Muitos cientistas já partilham a idéia de que há vida no universo além da Terra, mas discutem a vinda de alienígenas devido à distância, talvez querendo limitá-los à atual tecnologia terrena. Com base nos depoimentos das testemunhas, dezenas de raças e tipos diversos visitam constantemente nosso planeta. A existência de OVNI's é incontestável, pois eles são vistos diariamente em todo o globo, sendo mais comum durante o dia. Muitas vezes, surgem como esferas, triângulos e naves em forma de charuto ou cilindro, além de outras formas menos comuns.

Não importa qual seja sua origem, a hipótese extraterrena é a que melhor se sustenta. Muitos acreditam que os OVNI's venham de mundos sob os mares ou de dimensões paralelas, utilizando-se, ao que tudo indica,

de portais ou buracos negros que ligam diferentes regiões do universo, com a propulsão baseada em campos gravitacionais ou de antimatéria. Outros defendem a teoria de que uma pequena parte deles podem ser naves secretas daqui mesmo, empregando técnicas alienígenas. Investigações recentes revelaram que, durante o regime nazista, foram criadas fábricas subterrâneas para desenvolver “aviões voadores” nas proximidades de Praga, capital da antiga Checoslováquia. Com o fim da 2ª Guerra Mundial, as fábricas foram destruídas e os técnicos recambiados para os Estados Unidos e a Inglaterra.

O assunto é delicado, polêmico e vem assumindo sérias proporções. Talvez por sigilo, não há uma posição oficial das entidades governamentais ou das comunidades científicas. É mais difícil calar do que falar e, no fundo, todos buscam notoriedade. Assim, tudo indica que tamanho segredo pode ter sido imposto pelos governos por medida de precaução, para evitar um possível colapso

na sociedade diante de implicações religiosas, filosóficas, econômicas etc. Já os cientistas, facilitados por uma postura conservadora e racionalista, fazem um pacto de silêncio simplesmente porque não existem bases sólidas nas quais as conjecturas possam se apoiar. A ciência é racional, portanto, para emitir algum julgamento sobre formas de vida em outros planetas, é necessário dispor de uma base com princípios absolutos e irrefutáveis.

No entanto, a cada dia, torna-se mais difícil continuar ignorando as evidências. As organizações ufológicas crescem sensivelmente no mundo inteiro, investindo recursos não só para chegar à verdade do caso Roswell, que acreditam ser “a história do segundo milênio”, mas buscando investigar minuciosamente os novos acontecimentos. Entre os dias 07 e 14 de dezembro de 1997, o 1º Fórum Mundial de Ufologia reuniu 70 especialistas de 20 países, entre eles 30 brasileiros e o astronauta russo Alexander Balandine, um entusiasmado ufólogo. Alguns go-

vernos, como da Itália, da França e do Chile, já reconheceram oficialmente as pesquisas e até militares brasileiros, no passado, admitiram publicamente que estudaram os fatos. Pesquisas de opinião sérias indicam que cerca de 75% da população norte-americana acredita em OVNI's, proporção muito expressiva na América Latina e em quase toda a Ásia, inclusive na China, em contraponto ao índice relativamente baixo na Europa.

No meio artístico, o cinema é quem tem trabalhado melhor o tema, sobretudo com a obra do norte-americano Steven Spielberg. Além de consagrado cineasta, ele é um notório membro da comunidade ufológica internacional e tem se ocupado intensamente para evidenciar provas da existência de vida extraterrestre. Em 1994, Spielberg manifestou seu interesse em realizar uma grande produção sobre o caso Roswell, tendo recebido total apoio do então presidente Bill Clinton, que, inclusive, cederia imagens confidenciais do governo. Essa produção se somaria aos

dois filmes famosos do cineasta no assunto: *Contatos Imediatos de 3º Grau* e *E.T. – O Extraterrestre*. Este último, lançado em 1982, conta a comovente estória da amizade de um garoto com uma criança alienígena abandonada por descuido de uma nave espacial que visitava o planeta. Ao sensibilizar adultos e crianças, Spielberg eternizou aquele personagem que queria voltar “para casa”, fazendo do filme uma das maiores bilheterias de todos os tempos. E apesar dos 20 anos que se passaram e da nova versão que recentemente entrou em cartaz nos cinemas de todo o mundo, a mensagem de *E.T. – O Extraterrestre* continua atual, acompanhando o amadurecimento dos humanos com relação aos seres de outros planetas.

Humanidades planetárias

A ciência responsável e esclarecida vem oferecendo novas e reais concepções sobre a grandeza comparativa do universo e a distância dos astros, para que os seres humanos

possam trilhar a jornada do terceiro milênio com passos firmes e conscientes da exigüidade da Terra. Ao contrário do que se supunha, ela não está isolada no centro da imensa criação, mas faz parte de um conjunto de nove planetas que giram em torno do Sol, que está integrado a uma constelação de aproximadamente 100 bilhões de estrelas situadas na denominada Via Láctea, uma das dez bilhões de galáxias existentes no universo. Na universalidade dos mundos, o planeta Terra não representa mais do que um átomo insignificante.

A natureza apresenta grande diversidade nas moradas do infinito. As forças que estiveram em ação na origem das coisas deram nascimento a essa grande diversidade tanto nos reinos inorgânicos quanto nos orgânicos. Assim, o gênero humano não provém somente de uma Terra, mas de inúmeras delas, formando as humanidades planetárias.

Com o advento das grandes civilizações, os seres humanos foram se organizando e as

religiões propiciaram um sentido fundamental para a existência do homem. Ciência e religião, duas alavancas da inteligência humana, encontraram um traço de união ao concluírem que o universo é completo por si mesmo e tudo que nele existe não é obra do acaso. Reconhecido como Inteligência Suprema e base onde repousa o edifício da criação, Deus foi proclamado eixo de todas as crenças, cuja onipotência é reconhecida nas leis eternas e imutáveis que foram estabelecidas para reger os mundos criados por Ele. Na criação, a Terra não recebeu nenhum privilégio sobre os outros planetas, que são, em aparência, tão próprios e tão habitáveis quanto ela.

Para povoar essas terras celestes, foi criada uma grande família de espíritos. Revestidos de corpos adequados, faz-se necessário que nasçam em mundos pouco adiantados, nos quais iniciam a caminhada evolutiva com simplicidade e ignorância, mas com obras elementares. Com a somatória de conheci-

mentos obtidos nas sucessivas encarnações, aprenderão a valorizar a sabedoria e o amor do Pai criador, ganhando condições de alcançar um mundo mais elevado e usufruindo da almejada felicidade como justo prêmio pelo labor desenvolvido.

Diversidade dos mundos

Se a Terra fosse a única natureza e a única morada da potência criadora, seria um fato incompatível com o esplendor eterno da criação. A grande dificuldade para os habitantes terrenos assimilarem essa diversidade prende-se, única e exclusivamente, ao hábito de se julgar qualquer acontecimento sob a ótica da pequena habitação terrestre, pretendendo definir a natureza dos seres que habitam a infinitude do universo como se tivessem o mesmo corpo e o mesmo comportamento dos terrenos. O Princípio Inteligente ocupa todos os mundos do cosmos e se apresenta em todos os graus de evolução. Assim como, na Terra, nenhum rosto se assemelha ao outro,

os seres de outras moradas diferem entre si conforme a constituição dos mundos.

Desde os tempos remotos de sua civilização, a Terra vem sendo visitada freqüentemente por seres de outras civilizações. Com base nos depoimentos, existem dezenas de raças que apresentam, além do aspecto físico, um comportamento muito variado. Os extraterrestres ou alienígenas, como são chamados, muitas vezes são considerados como inimigos, mas são habitantes das diversas moradas do Pai, cuja existência foi revelada por Jesus em sua passagem terrena. Embora diferentes, como parte integrante da grande família universal, partilham do mesmo destino dos terrenos, interligados pela lei da universalidade e solidariedade. Muitos deles, incansáveis missionários, partem de seus mundos de origem, que já passaram pelo ciclo evolutivo que a Terra está passando, e penetram aqui e em outros mundos trevosos para levar sua parcela de luz, enquanto outros chegam com o objetivo de observar ou pesquisar.

O progresso é uma lei natural. As moradas celestes progridem à medida que os indivíduos que compõem as humanidades planetárias evoluem e se esclarecem, mas a transformação não é súbita. Há milênios, os habitantes do minúsculo planeta Terra buscam fórmulas para vencer as dificuldades da comunicação entre si. Da mesma forma, para haver comunicação interplanetária, muito mais do que evolução científica e intelectual, é indispensável a integração no campo ético e moral, mentes vibrando harmoniosamente no cosmos. Não existe sabedoria real sem humildade vivida. À medida que os habitantes da Terra e do infinito ampliarem naturalmente seus laços de fraternidade, mensagens como aquela que os astronautas norte-americanos deixaram na Lua serão facilmente captadas e as comoventes, porém fictícias, cenas de *E. T.* – *O Extraterrestre* tornar-se-ão uma realidade maravilhosa nas esferas habitadas.

A vida em Júpiter

Revista Espírita, ano I, volume 4 - abril/1858

Por evocações anteriores, sabíamos que Bernard Palissy, o célebre oleiro do século XVI, habita Júpiter. As respostas que se seguem confirmam em todos os pontos quanto nos foi dito sobre esse planeta, em várias ocasiões, por outros espíritos e através de diferentes médiuns. Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. A identidade que apresentam com as descrições anteriores é um fato notável e, pelo menos, uma presunção de exatidão.

Onde te encontraste ao deixar a Terra?
Bernard Palissy – Ainda me demorei aí.

Em que condições aqui estavas?

Bernard Palissy – Sob o aspecto de uma mulher amorosa e dedicada. Era uma simples missão.

Essa missão durou muito?

Bernard Palissy – Trinta anos.

Lembra-se do nome dessa mulher?

Bernard Palissy – Era obscuro.

Agrada-te a estima em que são tidas as tuas obras? Isto te compensa os sofrimentos que suportaste?

Bernard Palissy – Que me importam as obras materiais de minhas mãos? O que me importa é o sofrimento que me elevou.

Com que fim traçaste, pela mão do sr. Victorien Sardou, os admiráveis desenhos que nos deste sobre o planeta Júpiter, onde habitas?

Bernard Palissy – Com o fito de vos inspirar o desejo de vos tornardes melhores.

Uma vez que vens com freqüência a esta Terra, que habitaste várias vezes, deves conhecer bastante o estado físico e moral para estabelecer uma comparação entre ela e Júpiter. Pediríamos que nos elucidasse sobre diversos pontos.

Bernard Palissy – Em vosso globo, venho apenas como espírito e este não tem mais sensações materiais.

Pode se comparar a temperatura de Júpiter a uma de nossas latitudes?

Bernard Palissy – Não. Ela é suave e temperada, é sempre igual, enquanto a vossa varia. Lembrai-vos dos Campos Elíseos, cuja descrição já vos foi dada.

O quadro que os antigos nos deram dos Campos Elíseos seria resultado do conhecimento intuitivo que tinham de mundo superior, tal como Júpiter, por exemplo?

Bernard Palissy – Do conhecimento positivo. A evocação tinha ficado nas mãos dos sacerdotes.

A temperatura varia conforme a latitude?

Bernard Palissy – Não.

Segundo nossos cálculos, o Sol deve aparecer aos habitantes de Júpiter em um ângulo muito pequeno e, conseqüentemente, dar muito pouca luz. Podes nos dizer se a intensidade da luz ali é igual à da Terra ou se é menos forte?

Bernard Palissy – Júpiter é cercado de uma espécie de luz espiritual ligada à essência de seus habitantes. A luz grosseira de vosso Sol não foi feita para eles.

Há uma atmosfera?

Bernard Palissy – Sim.

Essa atmosfera é formada dos mesmos elementos que a terrestre?

Bernard Palissy – Não, os homens não são os mesmos, suas necessidades mudaram.

Lá existem água e mares?

Bernard Palissy – Sim.

Ela é formada pelos mesmos elementos da nossa?

Bernard Palissy – Mais etérea.

Há vulcões?

Bernard Palissy – Não, nosso globo não é atormentado como o vosso. Lá, a natureza não teve suas grandes crises, é a morada dos bem-aventurados. A matéria apenas permite o tato.

As plantas têm analogia com as nossas?

Bernard Palissy – Sim, porém, mais belas.

A conformação do corpo dos seus habitantes tem relação com a nossa?

Bernard Palissy – Sim, é a mesma.

Pode nos dar uma idéia de sua estatura, comparada com a dos habitantes da Terra?

Bernard Palissy – Grandes e bem proporcionados, maiores que vossos homens mais altos. O corpo é como a impressão de seu espírito: belo onde é bom. O invólucro é digno

dele, não mais uma prisão.

Os corpos são opacos, diáfanos ou translúcidos?

Palissy – Há uns e outros. Uns têm tal propriedade, outros, outra, conforme seu destino.

Compreendemos isto no que se relaciona aos corpos inertes, mas nossa pergunta se refere aos corpos humanos.

Bernard Palissy – O corpo envolve o espírito sem o ocultar, assim como um tênue véu lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores, o envoltório grosseiro oculta o espírito aos seus semelhantes, mas os bons nada mais têm para se ocultarem, podem ler reciprocamente em seus corações. Que aconteceria se assim fosse aqui?

Lá existe diferença de sexo?

Bernard Palissy – Sim, há por toda a parte onde existe a matéria.

Qual a base da alimentação dos habitantes?

É animal e vegetal como aqui?

Bernard Palissy – Puramente vegetal. O homem é o protetor dos animais.

Disseram-nos que parte de sua alimentação é extraída do meio ambiente, cujas emanações eles aspiram. É verdade?

Bernard Palissy – Sim.

Comparada com a nossa, a duração de vida é mais longa ou mais curta?

Bernard Palissy – Mais longa.

Qual é a duração média da vida?

Bernard Palissy – Como medir o tempo?

Não podes tomar um dos nossos séculos como termo de comparação?

Palissy – Creio que cerca de cinco séculos.

O desenvolvimento da infância é proporcionalmente mais rápido que o nosso?

Bernard Palissy – O homem conserva sua superioridade. A infância não comprime a in-

teligência nem a velhice a extingue.

Os homens são sujeitos a doenças?

Bernard Palissy – Não estão absolutamente sujeitos aos males.

A vida está dividida entre o sono e a vigília?

Bernard Palissy – Entre a ação e o repouso.

Poderia nos dar alguma idéia das várias ocupações dos homens?

Bernard Palissy – Teria que falar muito. Suas principais ocupações são o encorajamento dos espíritos que habitam os mundos inferiores, a fim de que perseverem no bom caminho. Não havendo infortúnios a serem aliviados entre eles, vão procurá-los onde esses existem. São os bons espíritos que vos amparam e vos atraem para o bom caminho.

Lá são cultivadas certas artes?

Bernard Palissy – Lá, elas são inúteis. Vossas artes são futilidades que distraem vossas dores.

O peso específico do corpo humano permite que se transporte de um a outro ponto sem ficar, como aqui, preso ao solo?

Bernard Palissy – Sim.

Existem lá o tédio e o desgosto da vida?

Bernard Palissy – Não. O desgosto da vida se origina do desprezo de si próprio.

Sendo os corpos dos habitantes de Júpiter menos densos que os nossos, são formados de matéria compacta e condensada ou vaporosa?

Bernard Palissy – Compacta para nós, mas não o seria para vós, ela é menos condensada.

A gente tem, como nós, uma linguagem articulada?

Bernard Palissy – Não, há entre eles a comunicação pelo pensamento.

A segunda vista é, segundo nos informaram, uma faculdade normal e permanente entre vós?

Bernard Palissy – Sim, o espírito não conhece entraves, nada lhe é oculto.

Se nada é oculto ao espírito, ele conhece o futuro? Referimo-nos aos encarnados em Júpiter.

Bernard Palissy – O conhecimento do futuro depende do grau de perfeição do espírito. Isto tem menos inconvenientes para nós do que para vós, pois nos é necessário, até certo ponto, para a realização de missões que nos incumbem. Mas dizer que conhecemos o futuro sem restrições seria nos nivelar com Deus.

Pode nos revelar tudo que sabe sobre o futuro?

Bernard Palissy – Não. Esperem até que meçam sabê-lo.

Comunicai-vos com uma facilidade maior do que a nossa com os outros espíritos?

Bernard Palissy – Sim, sempre. Não existe mais a matéria entre eles e nós.

A morte inspira o mesmo assombro que entre nós?

Palissy – Por que ela seria apavorante? Já entre nós não existe o mal. Só o mau se apavora ante o seu último instante, teme o seu juiz.

Em que se transformam os habitantes de Júpiter depois da morte?

Bernard Palissy – Crescem sempre em perfeição, sem passar por provas.

Não haverá em Júpiter espíritos que se submetam a provas a fim de cumprir uma missão?

Bernard Palissy – Sim, mas não é uma prova. Só o amor do bem os leva ao sofrimento.

Podem eles falir em sua missão?

Bernard Palissy – Não, porque são bons. Só existe fraqueza onde haja defeitos.

Poderias nomear alguns dos espíritos habitantes de Júpiter que tenham desempenha-

do uma grande missão na Terra?

Bernard Palissy – São Luís.

Não poderias nomear outros?

Bernard Palissy – Que vos importa? Há missões desconhecidas cuja finalidade é apenas a felicidade de um só. Por vezes, estas são maiores e mais dolorosas.

As habitações de que nos deste um modelo nos teus desenhos estão reunidas em cidades como aqui?

Bernard Palissy – Sim. Aqueles que se amam se reúnem, só as paixões criam a solidão em torno do homem. Se este, ainda mau, procura seu semelhante, que não lhe é mais do que instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso deveria fugir de seu irmão?

Os espíritos são iguais ou de várias graduações?

Bernard Palissy – Eles são de diversos graus, mas da mesma ordem.

Pedimos que te reportes especialmente à escala espírita que demos no segundo número da *Revista* e nos diga a que ordem pertencem os espíritos encarnados em Júpiter.

Bernard Palissy – Todos bons, todos superiores. Por vezes, o bem desce até o mal, entretanto, o mal jamais se mistura com o bem.

Os habitantes formam diferentes povos como aqui?

Bernard Palissy – Sim, mas todos unidos entre si pelos laços do amor.

Sendo assim, aí as guerras são desconhecidas?

Bernard Palissy – É uma pergunta ociosa.

Poderia chegar o homem na Terra a um tal grau de perfeição que a guerra fosse desnecessária?

Bernard Palissy – Ele chegará a isto sem a menor dúvida. A guerra desaparecerá juntamente com o egoísmo dos povos e à medida que melhor seja compreendida a fraternidade.

Os povos são governados por chefes?

Bernard Palissy – Sim.

Em que consiste a autoridade deles?

Bernard Palissy – No seu superior grau de perfeição.

Em que consiste a superioridade e a inferioridade dos espíritos em Júpiter, já que todos são bons?

Bernard Palissy – Ter maior ou menor soma de conhecimentos e de experiência. Eles se depuram à medida que se esclarecem.

Como aqui na Terra, lá existem povos mais ou menos avançados do que outros?

Bernard Palissy – Não. Porém, entre os povos, existem diversos graus.

Se o povo mais adiantado da Terra fosse transportado para Júpiter, que posição ocuparia?

Bernard Palissy – Aquela que, entre vós, é ocupada pelos macacos.

Os povos se regem por leis?

Bernard Palissy – Sim.

Há leis penais?

Bernard Palissy – Não há mais crimes.

Quem faz as leis?

Bernard Palissy – Deus as fez.

Há ricos e pobres? Por outras palavras: há homens que vivem na abundância e no supérfluo e outros a quem falta o necessário?

Bernard Palissy – Não, são todos irmãos. Se um possuísse mais que o outro, com este repartiria, pois não gozaria quando seu irmão fosse necessitado.

Em consequência disso, as fortunas de todos ali seriam iguais?

Bernard Palissy – Eu não disse que todos sejam igualmente ricos. Perguntastes se haveria gente com o supérfluo enquanto a outros faltasse o necessário.

As duas respostas nos afiguram contraditórias. Pedimos que estabeleças a concordância.
Bernard Palissy – A ninguém falta o necessário, ninguém tem o supérfluo. Por outras palavras, a fortuna de cada um está relacionada com sua condição. Estão satisfeitos?

Agora compreendemos. Mas te perguntamos, entretanto: aquele que tem menos não é infeliz diante daquele que tem mais?

Bernard Palissy – Aquele não pode se sentir infeliz, já que nem é invejoso, nem ciumento. A inveja e o ciúme produzem mais infelizes do que a miséria.



Eram os deuses astronautas?

O homem tem registrado a presença de naves e seres extraterrestres desde a pré-história. Imagens como a que vemos ao lado, com cerca de 10 mil anos, podem ser encontradas em diversas regiões da Austrália e da Nova Zelândia. Abaixo, uma imagem pré-histórica de seres com capacetes transparentes.

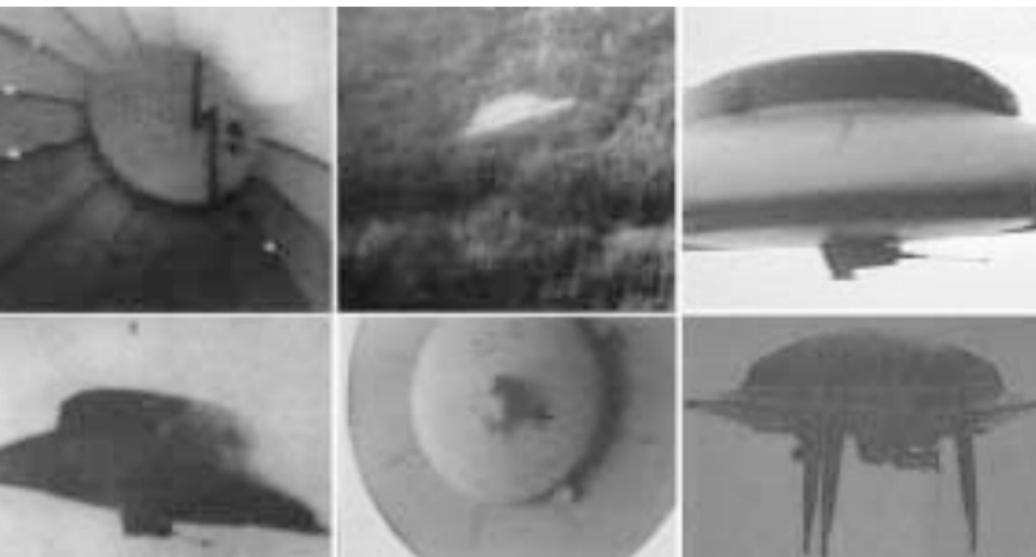




Entre abril de 1561 e setembro de 1571, muitas pessoas testemunharam um enorme grupo de esferas e discos, próximo ao horizonte, na cidade de Nuremberg, na Alemanha. A mesma cena pôde ser vista na cidade



de Basileia, na Suíça, em 07 de agosto de 1566. Ainda nesta localidade, em 1571, o jornal *Neue Zeitung* registrou a presença de uma enorme esfera preta no céu, que chegava a cobrir o Sol por completo



Os vários modelos de naves espaciais que teriam sido construídas pelos alemães. Em algumas delas, pode-se ver o símbolo da SS. Em outras, é possível observar armamentos na parte inferior

Ufos na Segunda Guerra Mundial

Por Rodolfo Heltai - Grupo Andrômeda

Com o término da 2ª Guerra Mundial, diversas citações surgiram informando que naves V-8 teriam participado do conflito. William L. Moore tem esta opinião e diz que o V-8 teria efetuado um único vôo de combate, cujo resultado não se conhece.

As primeiras referências à existência de discos voadores alemães surgiram a partir da década de 1950 em várias revistas alemãs, como a *Der Spiegel* e a *Luftfahrt International*. Existem outras citações muito interessantes, como a da *Author's Notes*, em cuja seção da W.A Harbinson's Genesis (Nova York, 1980) encontramos o seguinte: "O Kugelblitz voou com sucesso poucas semanas antes do final da guerra". Em outra citação, de nota

enviada para o Duce e datada de 03 de abril de 1945, lê-se: “A nossa contra-espionagem interceptou um relatório sobre os últimos desenvolvimentos da indústria aeronáutica alemã. Um diplomata francês teria recebido informações de um agente duplo, apoiado por Himmler e Goebbels”.

Estas poucas linhas me intrigaram bastante, resolvi pesquisar e acabei encontrando coisas fascinantes. Alguns relatos, durante a guerra, nos dão conta de que diversos objetos voadores, chamados *foo fighters* foram observados no *front*. Os aliados achavam que se tratavam de armas de guerra germânicas e estes, por sua vez, imaginavam ser naves aliadas. Mas por que este tipo de informação? Seria uma forma de acobertamento? Alguns desses modelos certamente eram armas alemãs, desenvolvidas para funcionar por controle remoto.

Em uma conversa com James Hurtak enquanto voávamos para Brasília (DF), tive a oportunidade de abordar esse assunto, ou seja, os

modelos Haunebu e Vrill, os projetos de Victor Schaubergger, Rudolf Schriever, Richard Miethe e Andreas Epp. Ele me confirmou que os alemães tinham construído o que os aliados chamavam de “sistema de armas milagrosas”. Hurtak teve em suas mãos documentos que mencionam a construção de Peenemunde, cidade utilizada para fazer experiências com engenhos teleguiados, bem como vários catálogos de discos voadores germânicos.

Disse a ele que não havia o que discutir, pois a indústria aeronáutica, na época, possuía recursos para, de certo modo, realizar todas essas concepções. Nem há como esconder o interesse demonstrado pelos norte-americanos e russos, logo após a vitória sobre Hitler, em recolher todos os planos de Saenger e Zborowski. Merece ser mencionado que o engenheiro alemão H. de Zborowski, antigo diretor do departamento de foguetes da BMW, foi o responsável por criar o protótipo de um charuto voador.

Virgil Armstrong, ex-membro da CIA,

deu-me uma declaração sobre os discos voadores alemães, que poderiam aterrissar e decolar em vertical e voar em ângulo reto, além de atingirem a velocidade de 3000 km/h e estarem armados com canhões laser tipo KSK, que poderiam atravessar uma blindagem de 10 cm de espessura. Estes canhões substituíram os do tanque Panzer montados na parte inferior do disco, que, por serem muito pesados, desestabilizavam a nave.

Tive a oportunidade de conversar longamente com Virgil, que gentilmente me deu uma entrevista de 50 minutos durante um Congresso Internacional na cidade de Curitiba (PR). Na ocasião, tivemos a companhia de Vanderlei D'Agostino, que nos ajudou muito como intérprete. Fizemos amizade e tive a chance de fazer uma palestra em conjunto com ele na cidade de São Roque, em São Paulo.

Disco alemão

A CIA e os serviços secretos britânicos já estavam a par, em 1942, da construção e

do emprego de tais objetos voadores, fabricados pelos alemães. Uma das máquinas mais perfeitas fabricadas pela sociedade Vril durante a 2ª Guerra Mundial foi o VRIL-7, um grande objeto em forma de disco muito semelhante ao Haunebu III, porém, com cerca de 120m de diâmetro. O primeiro teste com o VRIL-7 foi feito sobre o mar Báltico no inverno de 1944. Alguns segredos sobre estes aparelhos foram vedados à própria hierarquia militar alemã.

A redação da notícia foi decifrada pelo Centro di Castiglione delle Stiviere e foi transmitida pelo chefe do Departamento Político de Investigação do partido fascista republicano, Adolfo Belgieri. Eis a notícia propriamente dita: "O caça alemão redondo, sem asas nem leme, alcançou subitamente os quadrimotores Liberator, cruzando-os de proa a enorme velocidade e, ao passar pela coluna, emitiu algumas nuvens de fumaça azulada. Passado um instante, bombardeiros americanos incendiavam-se misteriosamente, explo-

dindo no ar, quando o foguete alemão já tinha desaparecido no horizonte". A notícia é assinada por Vittorio Foschini, que dirigiu o Serviço de Informações de Defesa da República Social Italiana. Em conversa com o físico Salvatore de Salvo, fui informado de que os problemas nos aviões norte-americanos eram causados pela soltura de gás pentano, que penetrava nos carburadores dos aviões, ocasionando a explosão dos mesmos.

O cientista Stephen Hawking, uma das maiores inteligências da atualidade, diga-se de passagem, foi um dos palestrantes em uma conferência denominada "Imaginação e Mudança - A Ciência no Próximo Milênio", ocorrida no dia 06 de março de 1998 na Casa Branca, sede do governo norte-americano, sob a gestão de Bill Clinton. Entre outras colocações, Hawking falou muito sobre OVNIs e alienígenas. Em um dos momentos, disse que, entre os cientistas, existe uma certa divisão de pensamentos, no sentido de que a razão de ainda não termos sido visitados por

extraterrestres é que, quando uma civilização atinge um estado de desenvolvimento semelhante ao nosso atual, fica instável, acabando por se autodestruir (a civilização tipo 1 que é citada pelo físico Michio Kaku e é conhecida de alguns estudiosos da ufologia).

Em outro instante, intrigou ainda mais os presentes ao fazer a seguinte citação: “Claro que é possível os OVNI’s também serem de procedência extraterrestre e conterem alienígenas, como muitos acreditam, e que o Governo esteja encobrindo estes fatos. Não gostaria de comentar sobre isto. Pessoalmente, creio que existe uma explicação diferente para compreender o porquê de ainda não termos sido contactados, mas não vou entrar nesta questão aqui”. Foi realmente um evento muito significativo para o estudo científico sobre o tema.

Uma coisa nos chama atenção: o catálogo foi publicado em alguns livros de forma maquiada, ou seja, sem as insígnias da SS. Por quê? Se ele fosse falso, por que não re-

clamaram? Por que foi publicado como sendo extraterrestre?

Uma combinação de formas de OVNI's baseada em fotografias publicadas foi preparada pelo dr. Shepard, um psicólogo e pesquisador da Universidade de Stanford (EUA), como ajuda para identificação e incluída em um documento enviado à Comissão de Ciência e Astronáutica do Congresso em julho de 1968.

Agitação em Washington

No livro *Discos Voadores - Relatório sobre os Objetos Aéreos não Identificados*, do capitão Edward J. Ruppelt, encontramos o trecho que transcrevemos a seguir: "Poucos dias antes dos acontecimentos, um cientista de um órgão que não posso revelar e eu estávamos falando sobre os comunicados da costa leste dos Estados Unidos. Conversamos durante duas horas e eu já me apresentava para partir quando ele disse que tinha um último comentário a fazer, isto é, uma predição. De

seus estudos a respeito de OVNI's, cujos relatórios vinha obtendo do quartel da Força Aérea e das discussões com seus colegas, era de opinião que estávamos sobre um barril de pólvora, denominado disco voador. 'Dentro dos próximos dias, o barril explodirá e a Força Aérea terá a mais sensacional observação de UFOS'. Lembro-me de que ao dizer isto, o cientista pontilhava sua declaração batendo com o punho cerrado na mesa. E continuou: 'A observação ocorrerá em Washington ou Nova York, provavelmente em Washington'".

Se este fato realmente ocorreu, perguntamos: Como seria possível detectar uma possível invasão de OVNI's extraterrestres? Seriam realmente extraterrestres? Poderia ser uma resposta intimidatória dos alemães em resposta ao ataque à base da Antártida, ocorrida nos anos de 1946 e 1952? Reflitam!

Devo lembrar que Richard Evelyn Byrd, no pós-guerra, foi à Antártida e teve uma dura batalha, tendo enormes baixas. Levou 4 mil

homens e perdeu 1500. Foi uma tentativa desesperada de desalojar tropas alemãs que lá se encontravam com seus U-Boats (submarinos) e tentar capturar os discos voadores construídos pelos alemães. Estes fatos podem ser comprovados, pois há recortes de jornais de época e filmes, como *OVNIs do III Reich*. Há indícios fortes de que Hitler e Martin Bomann teriam conseguido se refugiar no local. Devo lembrar que seus corpos nunca foram encontrados.

Há relatos bastante interessantes de experiências desenvolvidas com teletransporte de átomos e que oficiais iniciados faziam experiências para abandonar o corpo no Castelo de Wewelsburg, na Westfália. Este local era usado pelos alemães para os rituais de magia e iniciação. Diversos soldados que se encontravam presos neste castelo faziam trabalhos forçados de tratorar a terra quando, em 1942, viram um disco levantar vôo por trás das árvores. Essa ocorrência se repetiu diversas vezes. Os aparelhos eram dirigidos

por pilotos especiais da Lutwaffe, que usavam um broche ovalado para diferenciá-los.

Com o bombardeio de Pennemunde em agosto de 1943, a fábrica foi transferida para a antiga fábrica da Skoda, em Praga, ex-Tchecoslováquia. Ali foram fabricadas várias unidades de teste que foram levadas para a Noruega e algumas unidades se acidentaram durante os mesmos. Foi nesta fábrica que Andreas Epp trabalhou e fotografou alguns de seus modelos de discos.

Com a invasão de Praga, estes materiais foram enviados, depois de desmontados, para a base na Antártida. Não fosse este fato, provavelmente os alemães teriam tido tempo de concluir a fabricação destes discos e conseguiriam ganhar a guerra. É importante salientar que faltavam peças e dinheiro, pois a prioridade era para armamentos pesados de guerra e ainda faltava petróleo, obrigando os alemães a fabricar álcool extraído da batata.

Esta é apenas uma pequena parte da guerra que veio a público, graças aos relatos

de alguns militares aposentados. Pode-se notar que existe a possibilidade de se construir estes tipos de aeronaves com finalidades bélicas. Esse é um dos motivos do acobertamento, ou seja, guardar segredo e fazer uso militar dos mesmos. Muitos desses técnicos alemães, inclusive o próprio Victor Schauberger, trabalharam para os norte-americanos no pós-guerra, existem muitas experiências na área 51. Os aliados capturaram planos do que viria a ser o Jumbo 747. Cabe aqui salientar que os alemães desenvolveram uma aeronave em forma de asa delta e trabalhavam também na tecnologia stealth.

Outra fonte nos dá referência de que, nos anos 30 do século passado, Marconi tinha base secreta de discos voadores na Venezuela, situada em uma cratera de vulcão extinto no sul do país. Ele trabalhou com energia solar, energia cósmica e anti-gravidade. Este assunto foi abordado no livro *The Misteries of the Andes*, do francês Robert Charroux, sem mencionar o famoso Nicola Tesla, que teve parti-

cipação no evento de Tunguska e trabalhou no Projeto Filadélfia.

No Brasil, temos vários nomes de especialistas no assunto, como Ernesto Bono, Salvatore de Salvo, O. D. Lavine, entre outros. No exterior, temos dezenas de nomes e citarei apenas alguns: James Hurtak, Virgil Armstrong, Miguel Serrano, Renato Vesco, Vladimir Terzesky, Shinichiro Nakami, Marcello Coppetti, Nuno de Ataíde, Ernest Zündel , entre tantos outros.

Chaplin e os discos

Charles Chaplin e Hitler nasceram no mesmo ano, 1889, com apenas quatro dias de diferença. No filme *O Grande Ditador*, uma curiosa cena surpreende. Num grande desfile militar, o ministro de Hitler fala dos equipamentos de guerra de seu país e menciona os encouraçados voadores, que, na verdade, são os discos voadores do III Reich. Devemos salientar que, naquela época, o termo “disco voador” não era conhecido. A fala,

feita de modo sutil, teria passado despercebida pelos mais distraídos.

A grande pergunta que fazemos é: como Charles Chaplin, um judeu, poderia saber de um segredo militar? O roteiro do filme foi escrito no começo de 1939 e, em junho, teve início a construção dos cenários e os testes de som. Três meses depois, quando Chaplin rodava as primeiras cenas do filme, Hitler invadia a Polônia e dava início à 2ª Guerra Mundial. Mais uma vez, Chaplin soube dar o recado. Mas como ele teria descoberto isso?

Eles estão por aí

Por Luiz Ricardo da Luz

Desde o início da era moderna da pesquisa ufológica, a partir de 1947, a quantidade de avistamentos de objetos voadores estranhos e não-identificados nos céus tem sido muito grande. Se estimarmos as ocorrências não relatadas, aliadas ao fato de que a maioria delas acontecem durante a noite, chegaríamos a um cálculo surpreendente, podendo atingir, sem exageros, a casa dos milhões.

Para os que procuram uma explicação física para o fenômeno ufológico, esse cálculo pode parecer absurdo. Mesmo sendo opinião geral de que outros sistemas, em nossa galáxia ou em outros pontos do universo, sejam capazes de abrigar vida e que uma parcela dela estaria a milhares ou milhões de anos à nossa frente, ainda que considerando a velo-

cidade da luz como finita, isto nos levaria a implicações bastante interessantes.

Se imaginarmos que uma espaçonave do sistema solar mais próximo ao nosso - Alfa do Centauro - pudesse atingir a impressionante velocidade de 112 milhões de quilômetros por hora, seria necessário quase um século para uma viagem de ida e volta à Terra. Some-se a isso a suposição de que haja um planeta que abrigue uma civilização avançada orbitando ao redor dessa mesma estrela Alfa do Centauro e que consiga construir espaçonaves capazes de viajar a essa velocidade. Portanto, mesmo que exista vida inteligente relativamente próxima de nós e admitindo-se que estes seres vivam por longos períodos de tempo, talvez séculos, isto não tornaria uma viagem dessas fácil.

Colocando a situação de uma outra forma, imaginemos que exista um milhão de outras civilizações na galáxia e que todas sejam capazes de lançar naves ao espaço exterior. Como devem haver alguns bilhões de

lugares que despertam o interesse e possam ser visitados, isto nos levaria a supor que cada civilização precisaria lançar milhares de astronaves por ano e, mesmo assim, apenas uma chegaria até nós anualmente. Se cada civilização lançar um número de espaçonaves tão grande quanto esse, seríamos visitados somente uma vez a cada dez mil anos.

Alta velocidade

São improbabilidades numéricas como essas que afastam os céticos daqueles que crêem na existência dos OVNI's. Além disso, outro fator em que se apóiam os que negam a existência deles é a extrema velocidade e surpreendente capacidade de manobra desses veículos espaciais, cuja concepção e desenvolvimento iria requerer, de acordo com os mais descrentes, um nível tecnológico muito superior, em todos os níveis, ao alcançado atualmente na Terra.

Tanto a incrível velocidade dos OVNI's quanto a capacidade de manobra ainda são

tidas como incompreensíveis para nossa tecnologia convencional e estão detalhadamente documentadas. Testemunhas fidedignas relatam velocidades em nossa atmosfera de até 28 mil quilômetros por hora, além de acelerações e desacelerações elevadíssimas. Essas testemunhas também falam de manobras em ângulo reto e inversões bruscas de rumo em velocidades nunca vistas.

Quanto aos sistemas de propulsão dessas espaçonaves, algumas parecem utilizar algo semelhante aos nossos motores à reação, como os dos foguetes, enquanto outras empregam métodos de propulsão que ainda não teriam sido possíveis de determinar.

A Ufologia transcende, e muito, nossos conceitos de realidade, além de nossas concepções filosóficas, científicas e religiosas. Somente um observador atento e aberto a novas possibilidades poderá pesquisar e aceitar conceitos nunca antes imaginados de outras realidades, como supõe a física quântica. Com naves espaciais, veículos de

outras dimensões, máquinas do tempo ou seja lá o que for, eles estão por aí e, ao que parece, são bastante indiferentes aos ceticismos, descréditos, controvérsias, preconceitos ou mistificações.

Conhecemos apenas uma pequena parcela da grande variedade de formas incríveis que já foram observadas em nossos céus ou na proximidade da órbita terrestre. Objetos de formato indefinido ou variável, sólidos ou semimateriais são também os mais frequentemente observados.



Acima, os "círculos",
como são chamados, que
podem ser mensagens
em código de alguma
civilização não-terrestre



Ao lado e acima, algumas
espécies de extraterrestres
vistas nos EUA, Brasil, França
e outros países

Contatos

Entrevista realizada por Érika Silveira

Luiz Ricardo da Luz é economista, mas sempre teve grande curiosidade pela ufologia, tanto que pesquisa o assunto há exatos 34 anos e é apresentador do programa “Fenômeno UFO”, que vai ao ar todos os sábados, às 14h, com reprise aos domingos, às 19h, na Rede Boa Nova de Rádio (1450 AM).

Segundo ele, o tema tem despertado muito interesse no público. Cartas ao seu programa chegam de todas as partes do Brasil e até de países como Japão e Canadá, muitas delas de pessoas que buscam informações sobre como iniciar o estudo ufológico. “Ainda existe muito preconceito com os esotéricos por parte dos ufólogos tradicionais, embora eu ache que seja obrigatório abordar o lado

científico e o espiritual se quisermos ter um conhecimento mais complexo do fenômeno. A ufologia não é uma ciência, é uma paraciência, pois lida com física, astronomia, química, astrologia, eletromagnetismo e muito mais", afirma Luiz Ricardo.

O estudo de OVNI's começou após um avistamento ocorrido no bairro de Santana, zona norte de São Paulo, em uma noite do final dos anos 60. "Vi luzes muito altas, em velocidade extremamente grande, fazendo curvas em ângulo de 90 graus. Pela física, sabemos que qualquer aeronave não poderia fazer esse movimento. Depois, eu e minha avó vimos a materialização e a desmaterialização de um cilindro no ar. Na época, conversei com professores de ciência, mas nenhum me deu uma resposta satisfatória", explicou.

Nesta entrevista, Luiz Ricardo fala mais sobre os casos, as características dos seres extraterrestres e os motivos de suas visitas ao nosso planeta.

Existe uma época em que se tenha ouvido falar mais sobre casos de avistamentos extraterrestres?

Luiz Ricardo da Luz – Sim, esta fase vai dos anos 40 até o final da década de 90, quando o assunto começou a rarear na imprensa, embora o número de avistamentos tenha até sofrido um incremento. Para se ter uma idéia, a ONU requisitou uma pesquisa sobre o número de avistamentos dos chamados OVNIs em todo o mundo no período entre 1947 e 1978 e o total chegou a 63144, o que dá uma média de 2037 avistamentos por ano, 170 por mês, seis por dia. Neste mesmo período, foram 33233 observações nos Estados Unidos, 5792 na Inglaterra, 1827 na Alemanha e 621 no Japão. Apesar de assombrosos, os números não correspondem a 10% do total. Outra curiosidade é que o Brasil está em segundo lugar no número de avistamentos, logo atrás dos EUA. A força aérea norte-americana (USAF) pesquisou 1147 casos no período entre 1948 e 1952, sendo que 25%

destes (287) foram classificados como "inexplicáveis". Pessoalmente, considero como período áureo da ufologia a época compreendida entre a década de 40 até o final da década de 70, quer pelo número de publicações dedicadas ao assunto, quer pela quantidade de eventos, palestras e congressos, bem como a divulgação na mídia. Gostaria também de destacar três fatos da década de 40 que considero marcantes na ufologia. O primeiro foi a presença de OVNI's em uma das fases mais críticas da humanidade, que foi a 2ª Guerra Mundial, quando estranhos objetos acompanhavam as missões de ataque aéreo tanto dos aliados como das forças do Eixo. Os pilotos aliados apelidaram esses objetos de "foo fighters" ou "combatentes fantasmas". O segundo fato foi o avistamento de uma esquadrilha de OVNI's pelo piloto privado Kenneth Arnold quando sobrevoava a região próxima ao Monte Rainier, no estado de Washington, em 24 de junho de 1947, data adotada mundialmente

como o “dia dos discos voadores”. Este caso também popularizou o nome “disco voador”, embora o termo, pelo que eu saiba, tenha sido usado pela primeira vez em 24 de janeiro de 1878 pelo rancheiro texano John Martin, ao descrever um objeto visto por ele que cruzava o céu em alta velocidade. Por fim, resalto o caso Roswell, ocorrido em julho de 1947, quando teria ocorrido a queda de uma destas naves nos Estados Unidos. Tanto o veículo como os corpos dos tripulantes, sendo que um deles ainda estava vivo, teriam sido apresados pelo exército norte-americano.

Qual seria o maior interesse dos extraterrestres com relação à Terra?

Luiz Ricardo da Luz – Como existem muitas raças de ETs nos visitando, os interesses também variam, como investigar os recursos naturais do planeta, a fauna, a flora. Mas, curiosamente, cerca de 10% desses seres que nos visitam têm um forte interesse em acompanhar o desenvolvimento do ser

humano, principalmente o espiritual. Alguns estudiosos acreditam que seres extraterrestres avançados sejam os responsáveis pelo surgimento do *Homo sapiens* na Terra.

Existem lugares ou regiões com maior propensão para se avistar naves extraterrestres?

Luiz Ricardo da Luz – Não. O que ocorre periodicamente é que certos locais, em determinadas épocas, passam a receber frequentes visitas destas aeronaves por períodos que variam de alguns dias a anos, as chamadas ondas. A França teve a sua em 1954, os Estados Unidos teve no período pós-2^a Guerra Mundial, o México teve entre os anos 80 e 90. O Brasil também teve suas ondas de visitas, a última ocorrida na primeira metade da década de 90. Descrevendo mais detidamente uma onda, OVNI's são avistados quase que diariamente. São vistas naves solitárias ou em grupos de três ou mais delas, podendo chegar a um surpreendente número de 30 a 40 objetos voadores, como ocorreu

na Cidade do México na década de 90. Muitas vezes, também são observadas as chamadas “naves-mãe”, equivalentes aos nossos navios porta-aviões. Elas realizam a parte mais longa da viagem, transportando as naves menores, como discos, cilindros, esferas em formato ovóide, entre outras, em seu interior, liberando-as na chegada ao destino. Normalmente, a forma que predomina na nave-mãe é a cilíndrica, como um charuto, e seu tamanho varia de algumas centenas de metros até 1km de comprimento ou a extremos, como aquela nave fotografada na órbita de Marte pela sonda soviética Fobos, que tinha 20km de extensão. Alguns estudiosos tentaram associar as ondas a locais ricos em recursos naturais, como cristais, minérios ou água, mas nunca se conseguiu provas conclusivas que apoiassem tais teorias. Curiosamente, estranhos objetos não-identificados têm sido vistos em vôo e, em seguida, adentrando em nossos oceanos, mares, rios e lagos ou simplesmente navegando por eles, os

chamados OSNIs – Objetos Submarinos Não-Identificados. Outra curiosidade é que uma das regiões que apresenta alta incidência de avistamentos de OVNI's e OSNIs é o Triângulo das Bermudas, podendo incluir também a região amazônica nesta categoria. Em muitos casos, acredita-se que estas civilizações possuam bases submarinas e subterrâneas em nosso planeta.

As naves são captadas por radares?

Luiz Ricardo da Luz – Sim, inclusive, isto não ocorre apenas em radares no solo, mas também nos de aviões e navios. Em muitos casos de detecções destas aeronaves, caças armados decolam na tentativa de obrigá-las a pousar ou até mesmo abatê-las.

Nós, espíritas, falamos muito sobre o aerobus, veículo de locomoção dos espíritos. É possível haver uma confusão entre ele e uma nave extraterrestre?

Luiz Ricardo da Luz – É muito difícil de-

terminar isso. Normalmente, trabalho mais com a hipótese de extraterrestres, pois sempre lemos na literatura espírita que esses veículos não costumam se materializar, atuam em outra esfera vibratória. O aerobus, ou ônibus do espaço, serve tanto como veículo de deslocamento como de auxílio. Quanto aos OVNI's, estes sim se materializam. No livro *Obreiros da Vida Eterna*, de André Luiz, há o relato sobre a Casa Transitória de Fabiano e esta se assemelha muito a uma espaçonave. A vida extraterrestre é abordada nas questões 55 a 58 e 172 a 188 de *O Livro dos Espíritos*, no capítulo III de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e no capítulo VI de *A Gênese*, todos de Allan Kardec, bem como no livro *O Consolador*, de Emmanuel, na *Revista Espírita* e em livros de Camille Flammarion.

Como é o trabalho de hipnose feito com as pessoas que foram abduzidas?

Luiz Ricardo da Luz – Vamos supor que uma pessoa esteja andando pela rua e os seres extraterrestres se interessem por ela, jo-

gando um feixe de luz para levá-la à nave. Então, eles a colocam em uma mesa, fazem uma série de procedimentos médicos e, no caso da mulher, retiram óvulos, amostras de sangue e de cabelo. Tudo é analisado porque há um grande interesse pelo sistema reprodutor humano. Antes de ser devolvida, os extraterrestres apagam o fato da memória consciente da pessoa, mas, com o tempo, algumas passam a ter pequenos flashes do ocorrido, são os primeiros indícios. É claro que existem pessoas que são abduzidas e não se recordam disso e a hipnose age na recuperação dessa memória. Primeiro se faz uma entrevista e, caso se chegue à conclusão de que essa pessoa passou realmente por uma experiência de abdução, é feita uma hipnose regressiva. É como se a pessoa estivesse passando por tudo novamente, portanto, as reações são terríveis.

E com relação ao contato sexual citado em alguns relatos?

Luiz Ricardo da Luz – Alguns dos seres que nos visitam demonstram um grande interesse na genética humana, existe uma grande quantidade de casos envolvendo esse tipo de contato. Experiências como essa atingem homens e mulheres e vão desde a retirada e manipulação de óvulos femininos e esperma masculino até, em alguns casos, relações sexuais normais entre homens terráqueos e mulheres extraterrestres dentro das naves, com o mesmo propósito de pesquisa. Foi o que ocorreu no caso de Antônio Vilas Boas, que não é parente dos famosos irmãos sertanistas, capturado quando arava a terra com seu trator durante a madrugada para evitar o forte calor do período diurno. Ele foi levado à força para a nave, despido e teve seu sangue coletado. Em seguida, um dos seres, com 1m40 de altura e trajando uma roupa pressurizada fechada hermeticamente da cabeça aos pés, com apenas dois pequenos visores redondos na altura dos olhos, esfregou todo o corpo de Antônio com um

líquido oleoso e inodoro, que secou rapidamente. Depois, ele foi levado para um compartimento que possuía apenas um grande almofadão como mobília, onde foi deixado só. Passado alguns instantes, um forte e desagradável odor invadiu esse compartimento, fazendo com que Antônio passasse mal. Esse cheiro, ele descobriria depois, provinha de quatro pequenos tubos salientes na parede. Então, após uma longa espera, um pequeno ruído chamou a atenção de Antônio, que viu uma pequena mulher, também nua, entrar no compartimento. Ela era loira, olhos azuis muito amendoados, lembrando os das antigas princesas egípcias, com um rosto de formato quase triangular, bochechas muito salientes e uma boca finamente desenhada, que mal era visível. A mulher se aproximou de Antônio mostrando claramente suas intenções e, sem que se soubesse como, teve uma relação sexual normal com ele. Ao término do ato, ela o empurrou para o lado e, com a mão direita, olhando para Antônio, apontou

o ventre, depois o alto e sorriu. Em seguida, uma porta se abriu, os seres entraram e levaram a mulher, devolvendo as roupas de Antônio. Antes de enviá-lo de volta ao local de onde havia sido capturado, um dos seres o levou para um tour pela nave. Na época, o caso foi investigado por um dos maiores pesquisadores brasileiros, o médico Olavo Fontes, que também providenciou a hipnose regressiva. Infelizmente, tanto Antônio Vilas Boas como o dr. Fontes já desencarnaram.

Por que os extraterrestres são descritos por todos aqueles que lhes tentam retratar como seres de formas monstruosas, olhos grandes, baixinhos etc?

Luiz Ricardo da Luz – Apesar de ser o tipo mais comum, o chamado “gray” (cinza) – descrito como tendo uma estatura variando entre 1m e 1m20, cabeça em forma de pêra invertida, olhos pretos e grandes, corpo frágil, nariz e orelhas simplificados a dois pequenos orifícios sobre uma boca de lábios

extremamente finos e um orifício de cada lado da cabeça, respectivamente, e pele acinzentada – não corresponde à totalidade dos seres já observados. A ufologia possui catalogadas dezenas de raças que nos visitam, divididas em dois tipos básicos: os “alfa”, cuja altura varia entre 80cm e 1m50, e os “beta”, com estatura oscilando entre 1m60 e 3m50. Nos dois casos, a aparência deles varia. Podemos citar seres calvos ou com cabelos, com orelhas normais, semelhantes às nossas, pontiagudas ou apenas um orifício. Os olhos podem ser muito parecidos com os nossos, amendoados como dos orientais ou ciclópico, ou seja, apenas um olho no centro da face. A pele pode ser muito pálida em sua coloração, bronzeada, acinzentada ou negra, podendo ter uma textura suave ou grosseira. O nariz pode ser pequeno, proeminente ou se resumir a dois orifícios. A boca pode ter lábios extremamente finos como um traço, um formato semelhante ao nosso ou apenas um orifício redondo. A comunicação com

os humanos pode ser feita em idiomas desconhecidos ou locais, como inglês, espanhol, português, entre outros, bem como em nível telepático. Um detalhe importante é que todos são humanóides, ou seja, possuem uma cabeça, tronco e membros como nós, o que já nos é ensinado pela doutrina espírita. A forma humana ou humanóide é a que predomina no universo e as variações ocorrem conforme as características de cada mundo, embora seja possível que existam planetas muito semelhantes ao nosso. Na tipologia dos seres, há algumas espécies que guardam uma semelhança tão grande conosco que poderiam viver e trabalhar entre nós passando totalmente despercebidos, enquanto outras que desembarcam em nosso mundo são obrigadas a usar trajes pressurizados, capacetes e mochilas com reservas de ar, como nossos astronautas. Outro dado curioso é que robôs são observados em alguns contatos. Agora, no caso dos seres do tipo gray, estes sempre agem sob o controle de seres muito pareci-

dos conosco. Alguns pesquisadores teorizam que os grays poderiam ser uma espécie de robô biológico.

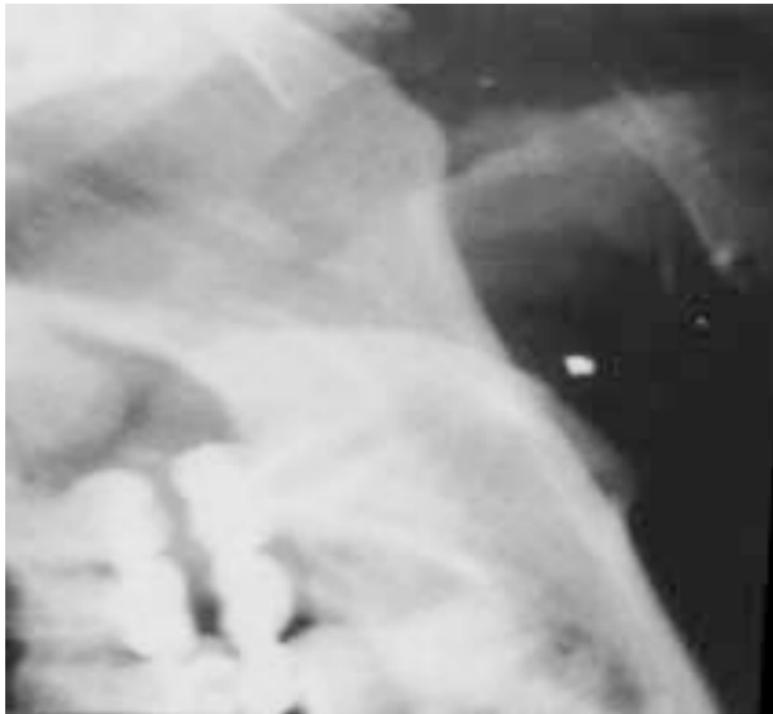
E por que geralmente se relaciona os extraterrestres com os “marcianos”?

Luiz Ricardo da Luz – Se nos lembrarmos bem, o planeta Marte foi um dos primeiros a ser considerado habitado por nossa astronomia e a gerar um conto de ficção científica, *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, no qual seus habitantes invadiam a Terra. Creio que, ao lembrarmos desse conto e do filme, podemos atribuir aos seres da história de Wells o termo “homenzinhos verdes de Marte”, utilizado por aqueles que procuram ridicularizar a ufologia. Agora, é interessante notar que as sondas da série Mariner, que sobrevoaram Marte na década de 70, e as duas sondas Viking, na década de 80, mostraram estranhas construções aparentemente artificiais na região marciana denominada Eydonia, na forma de pirâmides com a altura próxima a 1km e um

rosto esculpido olhando em direção ao céu, com 1,6km de extensão entre a testa e o queixo, largura de 1,6km e altura de 800m do nível do solo à ponta do nariz.

Na ufologia, há alguma informação sobre seres de outros planetas que adaptariam sua roupagem de corpo e viveriam entre nós?

Luiz Ricardo da Luz – Do ponto de vista científico, não é possível afirmar que existem espíritos de extraterrestres encarnando entre nós, mas há uma obra na literatura espírita que nos relata este fato, o livro *Os Exilados da Capela*, de Edgard Armond.



Ao lado, podemos observar o Raio X do maxilar de um abduzido onde observamos um corpo estranho. Acima, foto do mesmo implante biológico extraterrestre

Abdução

Entrevista realizada por Érika Silveira

O hipnólogo e escritor Mário Nogueira Rangel despertou o interesse pela hipnose ainda menino, quando começou a ler livros pertencentes ao pai, que era médico e farmacêutico. Desde então, não parou mais de estudar o assunto.

Após um certo tempo, começou a surgir casos relacionados à ufologia quando se utilizava da hipnose, porém, foi o terceiro deles, uma dramática abdução, que o fez entrar de verdade neste universo ufológico, estudando a ligação entre extraterrestres e seres humanos. Em 23 anos de trabalho, o número de informações obtidas se tornou tão grande que Rangel reuniu tudo no livro *Seqüestros Alienígenas: Investigando Ufologia com e sem Hipnose*, editado pelo Centro Bra-

sileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV).

Para Mário Rangel, a ufologia é mais respeitada atualmente e estimula um interesse maior no estudo da hipnose pelos ufólogos, por se tratar de um importante instrumento de investigação. No entanto, ele lembra que é fundamental um trabalho desenvolvido com ética e seriedade. “Quem afirmasse ter visto disco voador tempos atrás era tido como louco, mas, hoje, a pessoa que disser não acreditar é um mal informado”, afirmou.

Nesta entrevista, Mário Rangel fala sobre os indícios da ocorrência de abduções, a colocação de implantes e a importância da hipnose na investigação de casos e na recuperação memorial das vítimas.

Que indícios podem ajudar uma pessoa leiga a identificar se realmente teve contato com OVNIIs?

Mário Rangel – Eu, por exemplo, vi um disco voador em baixa altitude durante o dia,

parado no ar apesar do vento. Era um objeto discoidal metálico e absolutamente nítido. Nosso planeta ainda não possui conhecimentos para produzir um objeto desse gênero, que fique parado no ar sem a ajuda de turbinas, hélices ou asas e que não emita nenhum som. Meu depoimento não é tão importante quanto outros, como da escritora Rachel de Queiroz, que publicou artigo contando seu avistamento, e do desenhista e famoso empresário Maurício de Sousa, que colocou dois artigos ilustrados com desenhos autobiográficos sobre seus avistamentos de OVNI's no site da Turma da Mônica. Bastaria um caso autêntico para confirmar a existência dos discos voadores, mas são milhares de pessoas que já os viram no mundo inteiro. As aparições estão ocorrendo hoje, muitas na cidade de São Paulo (SP), e precisamos ficar atentos, pois é uma realidade muito incômoda, estão seqüestrando pessoas e não sabemos exatamente com que objetivo.

De que forma seria feita a escolha das pessoas a serem abduzidas?

Mário Rangel – Resolvi fazer uma pesquisa sobre os tipos sangüíneos das vítimas e tive uma surpresa, pois, entre 28 abduzidos, 72% possuem sangue tipo O, quando a média brasileira é de 45%. Além disso, a maioria é formada por mulheres, brancas e jovens. Recentemente, o IBGE divulgou dados preliminares indicando que, no Brasil, a população é formada por 53,8% de brancos, 6,2% de negros, 39,1% de pardos e o restante de outras raças. Esse percentual de negros e pardos somados deveria constar entre os abduzidos, mas, nas pesquisas que fiz, a quase totalidade das vítimas é de brancos. Porém, pode estar ocorrendo que negros e pardos não queiram revelar seus casos por já sofrerem um grande preconceito da sociedade.

Como identificar se a abdução é verdadeira ou apenas uma fantasia?

Mário Rangel – A fantasia deve existir

na quase totalidade dos casos, pois os ETs introduzem falsas memórias para confundir, talvez prevendo que, um dia, alguém poderia se lembrar dos fatos. Quando realizamos a hipnose, não conseguimos recuperar todas as informações perdidas, o que ocorre com todos os hipnólogos do mundo. Não se pode forçar o abduzido a contar o que não se lembra, já que há uma tendência do hipnotizado a agradar o hipnotizador e ele pode inventar uma história.

E quanto aos possíveis implantes feitos em pessoas abduzidas?

Mário Rangel – O cirurgião norte-americano Roger K. Leir se aliou a um hipnólogo do Texas a quem alguns pacientes tinham contado sobre esses implantes, oferecendo-se para extraí-los gratuitamente. Até o momento, ele realizou cirurgias em dez pessoas, das quais retirou 11 objetos estranhos colocados em locais previamente indicados e documentados por raios X, trabalho este

que serviu de base para ele escrever o livro *Implantes Alienígenas: Somos cobaias de ETs?*, recém-publicado no Brasil pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Esses objetos implantados não sofrem rejeição. Curiosamente, ocorre rigorosamente o contrário, pois os implantes criam nervos e a impressão que o médico tem é de que se trata de um neurônio fora do lugar. O paciente tem uma reação quando o bisturi é encostado no implante, apesar de estar sob anestesia química e hipnótica.

De que maneira a hipnose foi descoberta como uma ferramenta útil para auxiliar a investigação de casos ufológicos?

Mário Rangel – É quase uma coisa intuitiva. No mundo inteiro, os hipnólogos são destacados pesquisadores de ufologia porque fazem a regressão de idade, que possibilita recordar coisas esquecidas e retirar parte da amnésia costumeiramente imposta pelos ETs aos abduzidos. No Brasil, existem poucos

hipnólogos nessa área. É fácil procurar um desses peritos se a pessoa mora em São Paulo, mas em grandes áreas do país não há quem saiba fazer esse trabalho.

Existem pessoas que foram abduzidas mais de uma vez?

Mário Rangel – Isso é relativamente frequente, algumas pessoas são abduzidas várias vezes. Pelo que é relatado em livros estrangeiros, alguns extraterrestres seqüestram pessoas de várias gerações de uma família, uma espécie de perseguição, infelizmente. Em meu livro, também há casos de duplas abduções, com seqüestros simultâneos de mais de uma pessoa, como irmãos ou parentes.

Há alguma recomendação especial para quando uma pessoa procurar a hipnose?

Mário Rangel – Deve-se fazer sempre com alguém que tenha estudado muito a hipnose e pesquisado ufologia. É necessário que o hipnólogo faça perguntas que não sugiram

as respostas, como, por exemplo, perguntar se há um emblema na blusa do ET, pois aí estão implícitas as sugestões de que existem um emblema e uma blusa. Se a resposta for sim, ela não poderá ser considerada, por causa da tendência do hipnotizado a querer agradecer o hipnotizador.

Há algum indício que leve uma pessoa a pensar que possa ter sido abduzida?

Mário Rangel – Muitas vezes, uma parte é consciente. Por exemplo: a pessoa viaja em uma estrada, vê uma luz, o motor do carro pára de funcionar e, no momento seguinte, passaram-se várias horas, caracterizando-se o tempo perdido ou “missing time”, em inglês. A pessoa tem certeza de que algo anormal ocorreu, que pode ser de natureza ufológica. Há também aqueles que têm fugazes lembranças com ETs e naves, chamados de “flashes de memória”. Em outros, aparecem marcas no corpo que ficam fluorescentes sob luz negra e há aqueles que so-

frem sangramentos sem nenhuma razão, especialmente pelo nariz. Eu sempre digo ao abduzido que, após se eliminar a amnésia de uma abdução, ele passará a conviver com essas lembranças a vida toda, o que é preferível do que desconhecer uma parte importante da própria existência.

Qual é a posição da NASA em relação à divulgação de provas sobre OVNI's?

Mário Rangel – Recentemente, em uma entrevista para uma revista brasileira, o presidente da NASA divulgou um desmentido quanto à autenticidade de provas fotográficas sobre a existência de OVNI's. É o que se chama de "política de acobertamento". Praticamente todos os lançamentos espaciais são acompanhados por OVNI's, todos ou quase todos os astronautas e cosmonautas os viram, mas eles são proibidos de relatar os casos.

Para encerrar, que mensagem você gostaria de deixar aos nossos leitores para ajudá-

los a compreender uma questão tão importante como é a ufologia?

Mário Rangel – Atualmente, a ufologia não envolve uma questão de crença, mas de informação, que existe em grande quantidade e qualidade, além de um expressivo número de pessoas sérias que declaram ter avistado OVNI's. Duvidar delas é duvidar da humanidade. Os OVNI's existem, estão por aí e envolvem uma questão muito desagradável, que é a descoberta de que nós, humanos, não somos os seres mais importantes deste imenso universo. Essa é uma realidade que temos de encarar.



A jornada interrompida

Um caso de abdução

Por Luiz Ricardo da Luz

Na madrugada de 19 para 20 de setembro de 1961, na estrada nacional US-3 que atravessa as montanhas brancas de New Hampshire, Estados Unidos, um carro trafegava normalmente. Em seu interior estava o casal Barney e Betty Hill, retornando para casa depois das férias no Canadá. A estrada estava deserta e a viagem seguia tranqüila até que, repentinamente, a atenção de Betty foi atraída para uma luz brilhante, parecida com a de uma estrela. A diferença era que a luminosidade se movimentava e parecia aproximar-se do carro. Betty alertou o marido, que olhando rapidamente pelo pára-brisas acreditou tratar-se de um satélite artificial.

Junto com o casal estava a cadelinha

Delsey que, até aquele momento, dormia no banco de trás do automóvel. Mas súbita e inexplicavelmente, o animal despertou e foi tomado por muita agitação e medo. Barney parou o carro para observar melhor a luz branca no céu. Depois de algum tempo observando a luz, o casal resolveu retomar a viagem, parando algumas vezes para observar o estranho objeto luminoso que parecia acompanhá-los, sempre mantendo um padrão de vôo errático, fato que excluía a possibilidade de ser um satélite. Betty imaginou que talvez pudesse tratar-se de um avião, hipótese logo descartada, já que nenhum ruído era ouvido.

Barney fez uma nova parada, desta vez para observar o objeto voador através de binóculos que lembrara estar levando no carro. Então pode perceber um objeto alongado, tendo na fuselagem luzes pulsantes que passavam alternadamente do vermelho ao laranja, depois do verde ao azul. Enquanto Barney tentava entender o que poderia ser

aquela aeronave, Betty aproximou-se com a cachorrinha Delsey nos braços. Para a surpresa do casal, Delsey gania sem parar.

A perseguição

Os dois entraram novamente no automóvel e a viagem recomeçou, mas com o objeto voador acompanhando de uma distância ainda menor. As luzes multicoloridas desapareceram e agora aquele engenho mostrava a sua real aparência de um disco espesso, iluminado de branco. Betty, apavorada, gritou que nunca havia visto nada igual. Contrariando a esposa, Barney novamente deteve a marcha do automóvel, pegou seus binóculos e saiu do carro, deixando o motor em funcionamento. Desta vez pode ver a aeronave parar em um lugar próximo, poucos metros acima do chão. Tinha dimensões enormes e em todo o seu contorno via-se uma carreira dupla de painéis transparentes, semelhantes a janelas de vidro. Inesperadamente, uma luz vermelha foi acesa em cada uma

das extremidades do objeto.

O medo foi tomando conta de Barney. Mas no entanto, quase contra sua vontade, foi levado por um impulso inexplicável a atravessar a estrada e caminhar pelo vale em direção ao objeto luminoso. Betty, ainda dentro do carro, entrou em desespero ao ver a atitude do marido e começou a gritar para que ele voltasse. Barney parecia não ouvi-la. À sua frente, a apenas alguns metros, a nave oscilava suavemente um pouco acima do solo. Barney agora conseguia distinguir diversas silhuetas no interior do objeto, que aparentavam usar uniformes e olhavam atentamente para ele. Em seguida, todos os ocupantes da nave voltaram-se e deram início a algum tipo de atividade, com exceção de um deles, que parecia ser o líder e ainda olhava fixamente para Barney. Ele continuava observando aqueles seres estranhos, até o momento em que um tremor atravessou seu corpo. Barney, graças a uma grande força de vontade, conseguiu romper a fascina-

ção daquele olhar e, cedendo ao pânico, correu de volta ao carro o mais rapidamente possível. Entrou no carro sem dizer uma palavra e arrancou em alta velocidade. Foi então que um estranho som, parecido ao de um aparelho elétrico se fez ouvir dentro do veículo, que passou a vibrar. Em seguida, uma densa névoa dominou a mente do casal e tudo se apagou.

Quando o ruído se desvaneceu, Barney e Betty começaram a voltar a si de modo lento e penoso, como se estivessem acordando de um pesadelo. Retomando novamente a consciência plena do mundo à sua volta, ambos se deram conta de que estavam próximos de sua casa, na cidade de Ports Mouth. Lá chegando, o casal reparou que seus relógios de pulso estavam parados e que o relógio da cozinha marcava poucos minutos além das cinco da manhã. Eles haviam levado duas horas a mais que o previsto, embora não recordassem a possível causa que os levou a tal atraso.

Memória apagada

Algum tempo depois, ao arrumar suas coisas, Barney verificou, para sua surpresa, que a parte superior de seus sapatos estava toda arranhada, sem que ele lembrasse porque isto havia acontecido. A sensação de mal-estar sentida pelos Hill algumas horas antes ainda não os deixara. Barney queria esquecer a história o mais rapidamente possível, mas Betty não pode deixar de contar tudo para a irmã, que a aconselhou a procurar a Força Aérea Norte-Americana (Usaf). Os militares anotaram os depoimentos do casal Hill, que também encaminhou o caso a um organismo privado de pesquisa ufológica, o National Investigations Committee on Aerial Phenomena (Nicap).

Somente dois meses mais tarde, durante uma reunião com os investigadores do Nicap, os Hill tiveram consciência do fato extraordinário acontecido naquelas duas horas desaparecidas de suas memórias. Pela primeira vez,

Barney e Betty ficaram frente a frente com sua estranha amnésia. Teriam sido vítimas de um delírio ou alucinação? A pergunta tornou-se um grande incômodo e eles acabaram por refazer o percurso esperando reavivar a memória, mas em vão. Depois do incidente, a saúde de Barney sofreu uma reviravolta. Ele passou a sofrer de úlcera e teve um esgotamento generalizado, causados por uma tensão psíquica. Além disso, estranhas verrugas começaram a surgir na região do baixo-ventre, formando um padrão circular. Seu médico tratou da úlcera, mas aconselhou-o a seguir também um tratamento psicoterápico.

Juntos, Barney e Betty foram ao consultório do doutor Benjamin Simon, numa manhã de dezembro de 1963. Supondo que a amnésia constituía o fator principal dos problemas psicológicos de Barney, o dr. Simon decidiu romper o véu de esquecimento por meio de hipnose. A primeira sessão aconteceu em 22 de fevereiro de 1964. Outras sessões se seguiram, durante as quais o casal foi

interrogado separadamente. Hipnotizado, Barney passou a reviver o que aconteceu naquela noite de setembro, desde o trajeto feito com o automóvel até a aproximação do objeto, o olhar penetrante do ser alienígena e a mensagem, que ecoava em seu cérebro, de que ele não deveria ter receio de continuar ali olhando para ele. O dr. Simon perguntou a Barney se teria ouvido o ser dizendo isso a ele. Barney negou, afirmando que aquela entidade em nenhum momento movera os lábios.

Sempre sob hipnose, Barney recordou-se da segunda parte oculta da incrível experiência. Voltou ao momento em que retornou correndo ao carro, arrancando em alta velocidade. Depois de percorrer alguns quilômetros, Barney, inexplicavelmente, deixou a estrada principal e seguiu por um caminho secundário que cortava um bosque. Ali, viu um grupo de homens que lhe faziam insistentes sinais para parar. Barney viu um trecho à frente da estrada vivamente iluminado e pensou

tratar-se de um acidente. Também sob hipnose, Betty foi confirmando as declarações do marido.

O casal continua o relato afirmando que, nesse momento, o motor do automóvel morreu e ele não conseguia fazê-lo pegar. Os homens na beira da estrada começaram a caminhar em direção ao carro. Betty pensou sair do veículo para esconder-se no bosque. Mas quando abriu a porta, os homens já estavam em volta do automóvel. Antes que pudessem esboçar algum tipo de reação, aqueles seres vestidos de negro retiraram Betty e Barney do carro. Enquanto Betty foi segura firmemente pelos braços por dois homens, Barney, aparentemente inconsciente, foi arrastado por duas outras criaturas e um quinto ser os acompanhava mais atrás.

Dentro da nave

Apavorada, Betty perguntou, aos gritos, quem eram aqueles seres e o que queriam. Depois chamou Barney e pediu que ele acor-

dasse. Nesse momento, um dos seres dirigiu-se a ela num inglês de estranho sotaque e, aparentando curiosidade disse: “Então o nome dele é Barney”. Enquanto isso, a nave pairava próxima ao chão, só que agora uma espécie de rampa estendeu-se para dar acesso ao seu interior. O casal foi arrastado para dentro da nave, enquanto um dos seres procurava acalmar Betty, dizendo que ela nada tinha a recear, pois eles queriam apenas fazer alguns testes para depois deixá-los novamente em seu carro. Durante a sessão de hipnose, Barney comentou que sentiu-se muito enfraquecido enquanto os dois eram levados para a nave. Teve uma sensação de flutuar, como se estivesse num sonho, embora acreditasse que haviam entrado na nave espacial. E afirmou ter tido muito medo de abrir os olhos, depois que um dos seres aconselhou-o a mantê-los fechados.

O hipnólogo perguntou se Barney sentiu a sensação de ter sido operado. Ele respondeu negativamente, mas disse que seu

corpo e sua boca teriam sido examinados. Já Betty, que havia sido levada para outra sala, teria sido colocada sentada sobre um banco e que amostras da pele de seu braço foram coletadas por meio de um aparelho semelhante a um microscópio. Em seguida, os alienígenas examinaram seus olhos, ouvidos e boca. Uma mecha de cabelo foi cortada, depois deitaram-na sobre uma pequena mesa e, com duas finas agulhas ligadas por fios a um aparelho parecido com uma televisão, disseram que iriam fazer exames em seu sistema nervoso. Novamente uma outra agulha é apontada na direção do umbigo dela, desta vez para um teste de gravidez. Betty grita de dor, mas o indivíduo que aparentava ser o comandante da nave colocou a mão sobre os olhos dela e a dor desapareceu. Curiosamente, a medicina humana viria a criar, muitos anos depois do “caso Barney e Betty Hill”, procedimentos que guardam grande semelhança com os exames realizados pelos extraterrestres em Betty, hoje conhecidos como

laparoscopia e amniocentese.

Depois que Betty vestiu-se, os seres alienígenas se afastaram e ela voltou a ficar apenas em companhia da entidade que parecia ser o comandante. Betty comentou com ele que ninguém iria acreditar na experiência vivida pelo casal, por isso gostaria de levar uma prova. O comandante perguntou que tipo de prova ela desejaria. Betty viu um livro sobre um painel. A escrita era de um tipo desconhecido e parecia que a maneira correta de ler era de cima para baixo. Argumentou que se pudesse levar o livro, serviria como prova de que tudo o que o casal passou era real e o alienígena aceitou. Ainda em hipnose, Betty revelou que teria perguntado ao comandante a respeito de sua origem. Depois de fazer várias perguntas a ela sobre seus conhecimentos do universo, ele abriu um mapa e perguntou a Betty se já havia visto um igual. Betty questionou o que significariam os pontos e as linhas tracejadas no mapa. O comandante explicou que as linhas mais grossas

eram rotas comerciais e as mais finas se referiam a regiões que recebem visitas ocasionais. Já as linhas tracejadas representariam rotas de expedições.

Outra divisão do tempo

Em seguida, o alienígena pediu a Betty que indicasse, no mapa, o planeta Terra, mas ela não sabia. Ele disse, então, que não haveria interesse em mostrar de onde sua nave teria vindo. Depois dobrou o mapa e o guardou. Betty disse ter se sentido estúpida por não saber onde ficava nosso planeta. Nesse instante, outros seres entraram na sala visivelmente agitados e ela julgou que fosse algo relacionado com seu marido. Tudo devia-se ao fato de que haviam retirado a dentadura de Barney durante os exames. Betty tentou explicar que seu marido havia perdido os dentes em um acidente e, por isso, usava uma dentadura postiça, como fazem muitas pessoas que envelhecem na Terra. Mas os alienígenas não sabiam o que era “envelhecer”,

nem sequer entendiam o que eram “anos”. O ser que falava com Betty parecia não ter qualquer noção de desgaste físico.

Com a ajuda de seu relógio de pulso, Betty tentou explicar como era a divisão do tempo na Terra, falando da rotação, das estações do ano e respondendo a um grande número de perguntas, mas eles não compreendiam. Betty argumentou que outras pessoas poderiam explicar melhor sobre esses assuntos, se eles decidissem voltar ao planeta. O comandante afirmou que se voltassem, saberiam onde encontrá-la novamente, porque sempre encontram as pessoas com quem querem se comunicar. Nesse momento Barney foi trazido à sala, ainda com os olhos fechados. O comandante disse que iria acompanhá-los até o carro deixado na estrada. Eles caminharam em direção à saída da nave por um corredor circular que contornava o aparelho.

No momento em que iriam deixar a nave, o alienígena retirou das mãos de Betty o livro que seria a prova da aventura. Betty protes-

tou, mas ele revelou que os demais tripulantes recomendaram não permitir a entrega do livro. Também queriam que o casal não recordasse a experiência, ainda que Betty dissesse que nunca a fariam esquecer. O comandante alertou que não lhes faria bem lembrar o episódio. Ela se despediu e regressou ao automóvel onde Barney já se encontrava, junto com a cadela Delsey. O casal acompanhou a partida da astronave. A luminosidade aumentou a tal ponto que a nave parecia um imenso sol avermelhado elevando-se devagar acima dos montes, enquanto os Hill retomam a sua jornada interrompida. Para o hipnólogo Benjamin Simon, Barney e Betty não são neuróticos. No relato sob hipnose do que aconteceu naquelas duas horas esquecidas não revelou qualquer indício de que ambos pudessem ter inventado a história.

Zeta 1 e 2

O mapa mostrado a Betty pelo comandante alienígena foi desvendado pela astrô-

noma Marjorie Fish. Depois de um minucioso estudo que levou vários anos, a astrônoma descobriu que a nave e seus tripulantes eram provenientes de sistemas denominados Zeta 1 e Zeta 2, na constelação do Retículo. Estas duas estrelas estão localizadas a 37 anos-luz de nosso Sol e a 0,05 ano-luz distante uma da outra. As linhas grossas mostradas a Betty indicam uma ligação regular. A distância de 0,05 ano-luz é distante o suficiente para que os planetas que orbitam essas estrelas sofram algum tipo de interferência em suas órbitas, mas próxima o bastante para que uma civilização avançada possa estabelecer rotas comerciais entre ambas.

Durante os trabalhos de Marjorie Fish foram introduzidas importantes correções nos catálogos astronômicos em relação à distância entre as estrelas. Portanto, em 1964, era impossível a um habitante da Terra desenhar corretamente aquele mapa com os dados disponíveis. Outro fato que confirma o episódio vivido pelos Hill vem da base área de

Phase. Esta base da Usaf captou em seus radares um objeto voador não identificado na região, no mesmo instante em que o casal Barney e Betty iniciaram sua observação. E voltaram a detectar o OVNI deixando a região, justamente no momento em que o casal presenciava a partida da nave.



Betty e Barney se esqueceram de tudo o que aconteceu quando estiveram no interior da nave alienígena

Ufologia e globalização

Por A. J. Gevaerd
Editor da Revista UFO

Já não era sem tempo. Demorou um pouco, mas finalmente chegou à Ufologia a tão aguardada globalização planetária que já rege o funcionamento de tantos outros segmentos da sociedade humana. Hoje, pode-se encontrar num mesmo supermercado produtos de dezenas de países. Os automóveis que rodam nas estradas brasileiras vêm de pelo menos sete nações diferentes. Os programas de televisão que assistimos – especialmente via cabo – são produzidos por pessoas das mais diversas nacionalidades. Enfim, não há como fugir a isso: a globalização chegou, irreversível e definitivamente.

É evidente que os resultados disso são

positivos para todos nós. E agora, quando tal processo chega também à pesquisa ufológica, resta-nos apenas descobrir uma forma de usá-lo em nosso benefício, para o crescimento e modernização da Ufologia Brasileira. A forma mais visível dessa globalização começou a ser observada já há alguns anos, através da Internet. Pela rede mundial que liga milhões de computadores em mais de 200 países, ufólogos vêm intercambiando informações com muito mais velocidade, rapidez e qualidade. Embora o uso da Internet pelos ufólogos brasileiros começasse ainda tímida, hoje, em 1999, expressiva maioria desses estudiosos já têm neste veículo sua mais importante ferramenta de trabalho.

Com a Internet não se realizam apenas pesquisas e intercâmbio. Mas se estruturam amizades sólidas – ainda que virtuais – e se encurtam distâncias. Há 10 anos, se um caso ufológico expressivo ou uma conferência ocorresse na Europa, por exemplo, nós, ufólogos brasileiros, só conheceríamos os detalhes me-

ses depois, graças a notícias eventualmente publicadas em algum boletim mimeografado que chegasse às nossas mãos. Hoje, felizmente, dias depois de ocorridos, tais fatos já podem ser pesquisados na rede. Há casos extremos, como de congressos sendo transmitidos *online* pela Internet, em tempo real. Outro exemplo de tal agilidade é a possibilidade, hoje garantida, de acompanharmos uma pesquisa ufológica em andamento, graças às notícias que seus investigadores publicam na Internet a cada novo lance descoberto.

Enfim, a Internet é o grande veículo da globalização e está irremediavelmente ultrapassado aquele ufólogo que ainda não tem acesso à ela. Mas a globalização é mais ampla ainda do que a rede mundial. Ela representa a verdadeira integração da Ufologia em escala planetária. Os congressos ufológicos que se realizam em qualquer lugar do mundo são multinacionais. Ou seja: é impossível realizar um bom evento sem a presença de estudiosos de várias nacionalidades. Hoje,

graças a um sólido trabalho de divulgação da Ufologia, é praticamente impensável organizar um congresso em qualquer país sem a participação de um conferencista brasileiro. Outras nações da América do Sul não têm, ainda, a mesma representatividade. Mas estão caminhando para isso, pois deverão sofrer a globalização que já nos atinge.

Graças a esse fato, hoje temos como absolutamente certo e inquestionável um fato sobre algo que antes apenas desconfiávamos, quando tínhamos acesso à casuística mundial somente através da literatura especializada. Atualmente, por conta da globalização, sabemos que a Fenômeno UFO está igualmente presente em todos os países da Terra. Os ETs que nos visitam vão a todos os rincões do planeta. Seu interesse pelo gênero humano inclui todas as mais diversas raças e etnias que o compõe. Assim, é óbvio que, para entender as razões de nossos visitantes, temos também que pensar em termos globalizados.

